



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A RECONSTRUÇÃO DA DOUTRINA PROTAGÓRICA NO TEETETO DE PLATÃO PARA
UMA REANÁLISE DA AUTO REFUTAÇÃO

ALUNO: MEJER JACQUES DE LIMA

Seropédica
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

A RECONSTRUÇÃO DA DOUTRINA PROTAGÓRICA NO TEETETO, DE PLATÃO, PARA
UMA REANÁLISE DA AUTO REFUTAÇÃO

ALUNO: MEJER JACQUES DE LIMA

Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, para
a graduação em Licenciatura Plena em Filosofia, sob
a orientação do Profº Dr. Rodrigo Pinto de Brito.

Seropédica/RJ
2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

MEJER JACQUES DE LIMA

Monografia submetida como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Filosofia do Departamento de Filosofia.

MONOGRAFIA APROVADA EM ____/____/____ com média:

Nota:

PROFº DR. RODRIGO PINTO DE BRITO (ORIENTADOR) UFRRJ
PRESIDENTE

Nota:

PROFº DRA. CRISTIANE AZEVEDO - UFRRJ
EXAMINADOR INTERNO

Nota:

PROFº DRA. ALICE HADDAD - UFF
MEMBRO EXTERNO

“Dedico essa Monografia ao Criador, por ter me dado a força e condições necessárias para concluí-la, também à minha esposa por aturar minhas variações emocionais e, mesmo assim, escolher a compreensão”.

Agradecimentos:

Agradeço eternamente ao Criador, pois sem Ele nada seria. Acredito de todo meu coração, pois foi Ele quem colocou as pessoas certas no meu caminho. Colocou professores estupendos para o meu desenvolvimento acadêmico. Entre eles, a professora Alice Haddad, para que pudesse me direcionar no início dessa jornada, muito obrigado. Agradeço ao professor Admar, que assumiu a minha orientação quando a professora Alice não pôde continuar. Agradeço ao meu orientador Rodrigo, que me acolheu e mostrou um mundo de possibilidades, entre elas, *Teeteto*, assim ampliou minha visão. Agradeço a professora Cristiane Azevedo, que foi imprescindível na consolidação da minha área de pesquisa. Agradeço ao mestre Robinson Guitarrari, pessoa usada por Deus para que eu não desistisse de tudo, nunca esquecerei. Agradeço à minha esposa querida, sempre companheira, sempre amiga e a única pessoa que realmente nunca desistiu desse projeto, pois até quando eu já havia desistido (pois, eu desisti algumas vezes), ela permanecia firme, dizendo que este dia, tão especial, iria chegar. Obrigado Criador, por todos que ajudaram a construir essa obra.

“Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira
que alcancemos coração sábio.”

(Oração de Moisés)

RESUMO:

O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma reconstrução da tese Protagórica, apresentada em comparação à primeira resposta de Teeteto (um dos principais personagens do diálogo homônimo) para a pergunta “o que te parece ser a ciência?”. A partir disso, analisamos o personagem Protágoras, apresentado nessa primeira resposta como dono da tese relativista, de ser o homem “a medida de todas as coisas; das que são, que são; das que não são, que não são” (152a) e as críticas à mesma, feitas por Platão, através de Sócrates (outro personagem principal). Apresentaremos também uma seção exclusiva sobre o conhecimento, e outra sobre Protágoras e sua corrente da realidade ambivalente, acreditando assim que temos uma boa base para uma reanálise da auto refutação apresentada por Platão. Para isso, utilizamos como referência básica, as traduções de Teeteto, uma feita por Adriana Nogueira e Marcelo Boeri, da Calouste Gulbenkian (2005), que nos oferece uma sinopse introdutória comentada de vital importância para este trabalho e ainda a tradução bilíngue da Maura Iglesias e Fernando Rodrigues (2020), para as citações feitas nesta pesquisa, assim como seus comentários. Enfim, acreditamos que o tema do conhecimento no *Teeteto* como relativo continua dando esteio para muitas pesquisas e correntes, e, assim como foi em sua época, e nas posteriores, é um tema atual e precisa ser alimentado por *insights* que busquem o desenvolvimento do assunto e suas vertentes.

Palavras-chave: *Protágoras; Ciência; Conhecimento; Relativismo.*

ABSTRACT

This work aims to rebuild the so-called Protagorean thesis, firstly appeared When compared to Theaetetus first answer on the meaning of science (at the homonymous Platonic dialogue). After that, we analyze the character Protagoras, introduced at the first answer as the proponent of the relativistic thesis that man “is the measure of all things; of those which are, that they are; of those which are not, that they are not” (152a), and the criticisms to this thesis, maid by Plato through the character Socrates. We are also going to present a chapter on knowledge, and another on Protagoras and his defense of an ambiguous reality, so we believe that we are going to be well-grounded to advance a rereading of the self-refutation problem introduced by Plato against Protagoras. Thus, we are going to use Adriana Nogueira’s and Marcelo Boeri’s translation of the *Theaetetus* (2005, published by Calouste Gulbenkian printing house) – which offers a commented introductory synopsis, essential for us – as well as Maura Iglesias’ and Fernando Rodrigues’ Portuguese/Greek translation of the Platonic dialogue (2020) – which helped us with the selection of passages to be quoted and with the authors’ commentaries –. Finally, we believe that the issue on the characterization of the knowledge as relative as showed in the *Theaetetus* is still offering lots of questions and insights for research and streams, as well as it offered in its own time.

Keywords: *Protagoras; Science; Knowledge; Relativism.*

Sumário

1-	162-
Erro! Indicador não definido. 2.1 A apresentação do diálogo e a revelação de uma Doutrina	3
2.1.1 A delimitação da Doutrina Protagórica	4
2.1.2 A Crítica à Doutrina Protagórica por Sócrates	6
2.1.3 A autodefesa e auto refutação de Protágoras	7
3- QUESTÃO DO CONHECIMENTO	9
4- O PROTÁGORAS EM TEETETO	10
5- CONCLUSÃO	16
6- BIBLIOGRAFIA	17

1 – INTRODUÇÃO

Quando falamos em coisas como *episteme*, teoria do conhecimento, filosofia da ciência, entre outros temas ligados ao saber, o diálogo *Teeteto*, de Platão, logo se apresenta como uma referência sobre o tema do conhecimento, uma obra sem igual que marcou não apenas a sua época e cultura, mas continua aguçando a mente de estudiosos, direcionando pesquisas, sustentando correntes e, por que não dizer que também alcançou diversas outras culturas por todo o planeta. Pois quando falamos em palavras como “sofista” e suas variações (sofístico, sofística, sofisticação, etc.), é o resultado de uma visão que temos, possivelmente, a partir dessa obra, ou que ela tenha feito parte do contexto para construção de um determinado pensamento cultural, mas esse é um pequeno exemplo entre tantos outros que poderíamos destacar aqui. Contudo, não temos o intuito, neste trabalho, de esgotar o assunto sobre o conhecimento, abordado por todo este diálogo, mas fazer uma reconstrução da tese Protagórica, apresentada em comparação à primeira resposta de Teeteto (um dos principais personagens) para a pergunta “o que te parece ser a ciência?”. A partir disso, analisar o personagem Protágoras, apresentado na primeira resposta como dono da tese relativista, de ser o homem “a medida de todas as coisas; das que são, que são; das que não são, que não são” (152a) e as críticas à mesma, feitas por Platão, através de Sócrates (outro personagem principal), que em um determinado momento também se coloca no lugar do próprio “sofista”, para que este possa defender sua tese, até o momento de uma auto refutação, que será o limite para este trabalho.

Mas será que Sócrates vai conseguir desmanchar o argumento relativista de Protágoras? O que há por trás desse combate tão feroz de Platão para com a tese Protagórica? Conseguirá o sábio sofista defender a sua corrente da realidade ambivalente? Quem é o Protágoras apresentado no diálogo de Platão, quem ele representa? Estas são algumas questões que serão abordadas neste trabalho.

Não temos hoje uma vasta fonte de material do próprio sofista, que possa comprovar em todos os aspectos a ligação do Protágoras histórico com o personagem apresentado no diálogo, inclusive sua tese e argumentação, mas entendemos ser importante fazer uma contextualização do momento vivido no século quinto (a. C.), para sabermos a atuação dos sofistas, o que eles representavam naquele momento e consequentemente também entendermos este personagem,

apresentado por Platão. Por isso, temos aqui neste trabalho um capítulo sobre o próprio Protágoras, para que possamos entender o personagem Protagórico desta obra, especificamente ao partir do que nos é dado pelo próprio diálogo, sendo importante essa reconstrução desde a contextualização, passando pela pessoa, doutrina, confirmação da autoria relativista apresentada aqui como sendo sua, até uma reconstrução do seu argumento, da forma mais fidedigna possível, como nos será dado pelo personagem Sócrates. Assim buscamos examinar com a maior clareza possível esse embate e o que ele significa para ambas as partes, e quem são essas partes na sua totalidade, se possível. Quem é este homem apresentado pelo próprio Sócrates como sendo alguém que precisa de respeito e que é um genial sábio, mas que seus argumentos precisam ser combatidos? Sócrates nos diz ainda que há uma turba, uma verdadeira corrente de pessoas por trás do pensamento relativista de Protágoras, ou seja, ele representa na realidade um grupo argumentativo cultural, que aqui tem a sua doutrina exposta e apresentada como uma forma de conhecimento. Mas afinal, que conhecimento é este apresentado por eles, e por que esta proposta para o problema do conhecimento é rechaçada por Platão?

O conhecimento como relativo nos é apresentado aqui como um argumento de origem Protagórica, e que será posto à prova pelo filósofo da verdade única (i.e. Platão), com o seu tradicional método de investigação, sarcástico e até desleal, como é apontado pelo próprio sofista, quando lhe é dada a voz. Mas precisamos passar vistas, primeiramente, em saber qual é este conhecimento, que tanto se busca conceituar nesse diálogo. Acreditamos que tanto da parte de Protágoras, quanto da parte de Sócrates, nos são apresentadas pistas que podem ser usadas para construção de ambos os argumentos, que também serão expostos aqui na sessão sobre o conhecimento. Aliás, este é o assunto principal do diálogo, o conhecimento, onde é apresentada uma resposta por parte de Teeteto, similar à tese de Protágoras, portanto relativa, que é combatida por Platão a todo momento, por mais que ele dê voz ao próprio Protágoras (se fazendo passar por Protágoras), para que este defenda a sua tese.

Não temos dúvida de que o conhecimento é um assunto de primordial importância até os nossos dias, aqui em especial, por tratar da existência ou não do relativismo como conhecimento, abordado, sugestivamente, primeiramente por Protágoras, e que dá base para uma corrente de autores que defendem, entre outras coisas, uma realidade ambivalente.

Usaremos como referências primárias para a nossa pesquisa duas traduções do diálogo Teeteto. A primeira será a da Calouste Gulbenkian¹, que nos oferece uma sinopse introdutória comentada de vital importância para este trabalho, utilizada como suporte para montarmos a apresentação do diálogo, suas argumentações e nuances. A segunda seria a tradução bilingue Dra. Iglesias², que será utilizada como fonte, ou seja, como a tradução de referência básica para as citações do diálogo perdurante neste trabalho, assim como seus comentários.

2 – APRESENTAÇÃO DO DIÁLOGO

Na presunção de criar um roteiro para a melhor apresentação deste trabalho, dividimos a primeira resposta da obra platônica em quatro partes principais a serem analisadas:

- 1- a apresentação geral do diálogo até a revelação da doutrina a ser acompanhada;
- 2- as delimitações da doutrina de Protágoras, incluindo o que ela representa, bem como pensadores que a defendem, pela visão de Platão;
- 3- a crítica da doutrina Protagórica por Sócrates;
- 4- e a defesa e auto refutação de Protágoras, desempenhada por Platão, para desqualificar a tal doutrina.

2.1 – A apresentação do diálogo e a revelação de uma Doutrina

Tudo começa com um encontro entre Terpson e Euclides, trazendo à baila um encontro anterior entre Sócrates, Teodoro e Teeteto, onde Euclides teria anotado esta excelentíssima conversa entre os três, a partir de vários encontros com Sócrates, e pediu que um escravo, naquele momento, fizesse a leitura para Terpson das escritas que foram feitas em forma de um diálogo, que inicia com uma pergunta: “Será que o aprender não é o tornar-se mais sábio a respeito daquilo que se aprende?” (145d).

¹ SANTOS, José Trindade. Introdução. In: PLATÃO. Teeteto. Trad. Nogueira, A. M. e Boeri, M. Lisboa: Gulbenkian, 2005.

² PLATÃO. Teeteto. Tradução: Maura Iglésias, Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Loiola, 2020.

Então é proposta uma diferenciação entre sabedoria (*sophia*) e saber/ciência (*episteme*), até que finalmente vem a pergunta principal: “que te parece ser a ciência?” (146c). Há uma primeira resposta rápida de Teeteto, errônea e ridicularizada por Sócrates, que diz para Teeteto que, na verdade, estava querendo outra coisa, além de uma mera enumeração de saberes. Sócrates, então, descreve-se como uma parteira, assim como sua mãe seria (149a), e que apesar de “estéril em matéria de saber”, sabe auxiliar outros a conceberem, distinguindo uma concepção autêntica de outra falsa, e que gostaria de auxiliar no partear de Teeteto, por estar prenhe.

Então ele repete a pergunta sobre o que é o saber, e Teeteto dará a primeira resposta metodologicamente correta³. Logo em seguida temos uma surpresa, quando Sócrates além de acatar a resposta de Teeteto, a associa à tese de Protágoras, que é: ser o homem “a medida de todas as coisas; das que são, que são; das que não são, que não são” (152a).

Esta primeira resposta toma praticamente dois terços do diálogo, com um método dialógico e interrogativo, que é tradicionalmente utilizado por Sócrates em seus embates, também utilizado para extrair de Teeteto o que há de conhecimento dentro dele e trazê-lo para fora, junto com os seus argumentos, para que possa ser avaliado, com o intuito de uma educação pedagógica, que vai dominar toda a investigação (145e).

Há ainda outras duas respostas no diálogo, a saber, a ciência como opinião verdadeira⁴, suscitando o problema da possibilidade da opinião falsa e, por fim, a ciência como “opinião verdadeira acompanhada de um Logos”⁵. Mas vamos nos ater à primeira resposta, mais precisamente indo até a auto refutação de Protágoras (171a-c), que acreditamos ser um ponto essencial de nossa pesquisa, pois esperamos ter muitas coisas importantes a serem exploradas e que abordaremos em detalhes um pouco mais a frente.

2.1.1 – A delimitação da Doutrina Protagórica

Sócrates inicia a explicação da tese, primeiramente, com o exemplo do vento, que é a forma como cada um o sente, ou seja, para uns ele é frio, e para outros não. Dito isto, ele passa à

³ SANTOS, 2005, p. 25.

⁴ IGLESIAS, 2020, p. 171

⁵ Ibid., p. 215

definição da tese: “Então, percepção é sempre do que é, e sempre não falsa, como ciência que seria” (152c – 160c). Portanto, a tal surpresa de Sócrates vai se revelando em algumas afirmativas, como: “Nada, em si e por si, é um” (152d). Sócrates explica que a tese se reduz em nada ser, mas tudo se transforma, ou seja, o pesado será também leve, o grande aparecerá também pequeno; nada sendo, “mas sempre devém” (152d), associando, assim, a tese aos antigos, como Heráclito, Empédocles, Epicarmo, Homero e outros (deixando claro que Parmênides não faz parte disso), havendo ainda outros pensadores que os seguem e que defendem o cosmos dominado pelo movimento (doutrina chamada Fluxista). Donde Sócrates propor uma análise da percepção (153c), logo aceita por Teeteto. Assim, ambos começam usando o exemplo da cor queé o choque dos olhos com o movimento adequado entre os dois (olhos e um movimento adequado), tornando-se subjetivo a cada indivíduo (154a), ou seja, se algo fosse um em si, não mudaria ao ser afetado.

Então Sócrates continua incitando Teeteto a buscar a “verdade escondida” (155d), extraindo do pensamento de homens famosos, ou seja, ele continua construindo sua tese sobre o grupo por trás do pensamento Protagórico. E passa a falar de agente e paciente, união e fricção, percebido e percepção. Nesta concepção de Platão é impossível conceber um agente sem paciente, e que uma coisa seja una, mas tudo se transforma, buscando concluir e expor, com o máximo de exatidão, a tese fluxista, ligando-a com a tese Protagórica.

Em um próximo passo, Platão faz a comparação à luz da experiência dos sonhos e doenças, loucura e delírios, para falar de algo, quando este algo se torna doce, ou amargo ou algo desse tipo, se torna para alguém, pois, segundo ele, tornar-se doce, mas doce para ninguém, é impossível. “A especificidade da relação entre percipiente e percebido produz a irrepetibilidade da sensação” (Calouste p. 30), sendo o percipiente aquele que vive a ação, e o percebido o objeto, tornando-se impossível sustentar o conhecimento de uma impressão em frente qualquer outra diferente dela. Depois de colocar algumas outras observações sobre a relação entre percipiente e percebido, chega-se à conclusão de que a mudança acontece no resultado da relação entre esses dois, ou seja, o doce, o frio, o calor, etc., e não no percipiente, nem no percebido, mas no resultado da relação sensível entre os dois, sendo único para aquele que percebe e infalível como ele a percebe. Precisando ainda deixar claro que, para conclusão, independente da movimentação que aconteça, “algo nem é agente (percebido) antes de encontrar o paciente (percipiente), nem

paciente antes de encontrar o agente” (157a). Inclusive quando abordada a questão de indivíduos em estado de sonho, doença, ou de alucinação, não se altera o resultado, por se tratar de coisas dessemelhantes, ou seja: “o agente (o vinho) que interagir com o paciente (o indivíduo) sadio produzirá uma sensação diferente daquele que interagir com o indivíduo enfermo (159d – 160a)”⁶

Platão conclui afirmando que as coisas moverem-se como correnteza (teoria fluxista) é igual ao homem medida de todas as coisas em Protágoras. Portanto, percepção é igual a conhecimento, esta é a criança recém-nascida de Teeteto, e que pode ser resumida em cinco partes, a saber: 1-cada percepção é única e irrepetível; 2- não há percipiente sem percebido; 3- o percipiente é ou devém para o percebido e este para ele, cada um deles “acha-se amarrado” ao outro, nada sendo “em si” (160b – c); 4- a percepção é privada; 5- a percepção é sempre verdadeira para o percipiente, ou seja, para a pessoa que a percebe (160c).

Dessa forma, Platão conclui em seu diálogo as delimitações do “homem medida” protagórico, e que é associado à resposta dada por Teeteto, que será agora posta à prova.

2.1.2 - A crítica à doutrina Protagórica por Sócrates

Passado o momento de delimitação da tese do sofista, da apresentação do filho recém-nascido de Teeteto, e claro, da comemoração pelo fato, Sócrates passa a criticar a tese Protagórica com algumas objeções e inicia com algo despretensioso, que é saber por que o privilégio do homem sobre os demais animais, como o porco e cinocéfalo. Ou seja, já que cada um é a medida de sua percepção, por que não respeitar o julgamento desses animais e de tantos outros (161d)? Do contrário, se feriria não apenas a igualdade de julgamento de um homem para com o outro, mas também chegando a se igualar ao julgamento dos deuses. Isto deixa Teeteto assustado e sem respostas perante Sócrates, mas o próprio personagem de Platão irá lançar uma réplica, da seguinte forma: “trazendo à baila até deuses, sobre os quais eu excluo, de meu falar e de meu escrever sobre eles, qualquer afirmação sobre se são ou não são” (162e); e ainda “que é terrível se, no que respeita à sabedoria, cada um dos homens em nada diferencie de um bicho qualquer” (162e). Sendo importante notar que as críticas feitas pelos personagens de Platão

⁶ ZENI, 2012, p. 28

(geralmente Sócrates) sempre começam com algo despretensioso e neste diálogo não foi diferente.

São colocadas, então, duas objeções erísticas, Sócrates caminha para tentar fazer a separação entre percepção e saber, ele pergunta se o que vemos e ouvimos temos ciência ou é ignorado. Como por exemplo, um novo idioma, sendo ouvido e lido pela primeira vez, ao que Teeteto confirma que, neste caso, é ciência, mas não os seus detalhes, como o que “os gramáticos e intérpretes ensinam” sobre o idioma (166c). O que ele quer é contrapor a afirmação de que ver algo ou escutar algo significa conhecimento de algo, e não ver algo significa não conhecimento (da mesma forma se escuto algo), o que também, falando sobre a memória, que ao ver algo você conhece, mas ao lembrar daquilo que você conheceu, não pode ser dado como conhecimento, pelo simples fato de não está vendo aquela coisa, seria um não conhecimento. Sendo assim, “parece hoje resultar uma das coisas impossíveis, se se afirmar ciência e percepção serem o mesmo” (164b), conclui Sócrates, que parece atentar para o sentido do verbo. Com essa resposta ele acredita que anulou a tese Protagórica, conseqüentemente, a de Teeteto (164d). Então, Sócrates dá voz a Protágoras para que possa defender sua tese.

2.1.3 – A autodefesa e auto refutação de Protágoras

Ao assumir a persona de Protágoras, Sócrates começa a defendê-lo, segundo ele, “com a pergunta mais terrível”, que é: “Será que é possível a mesma pessoa, sabendo algo, não saber aquilo que sabe?” (165b).

Depois de uma introdução, onde faz reclamações dos métodos apresentados por Sócrates para a sua tese e por não haver alguém a altura para responder por ele, passa a expor a mesma, e sustenta a delimitação anterior apresentada, sendo o conhecimento uma percepção individual, única e privada para cada pessoa, ademais esclarecendo fatos sobre a memória fazer, sim, parte do conhecimento de cada um, parecendo fazer alusão à relação entre percipiente e percebido, chegando a ironizar sobre a referência que Sócrates faz sobre o porco e o cinocéfalo serem também medida de conhecimento. Em um momento seguinte, afirma que há um sábio, e que é aquele que auxilia para fazer a mudança para estados melhores que os outros, pois “deve-se fazer a mudança para outros estados, pois uma das disposições é melhor que a outra” (167a). Aqui ele

dá o exemplo de fazer a mudança pela educação, de “uma das disposições para outra melhor”. Assim como o médico faz a melhora de uma pessoa doente através dos remédios, o sábio (sofista), vai auxiliar na mudança de uma pessoa em estado ruim para um estado melhor, com discursos. Afirmar existir, portanto, o homem sábio, que é aquele que consegue transformar as coisas que parece e são ruins, em parecerem e serem boas (166d-e). Ou seja, assim como o paladar de um homem doente não pode ser comparado ao paladar de um homem sadio, não podendo dizer que um é melhor que o outro, mas sim que estão em estados diferentes, os sábios e bons oradores fazem parecer serem justas às cidades as coisas benéficas em vez das maléficas, procurando transformar as coisas ruins em boas, os estados ruins em bons estados, e mesmo que não haja um mais sábio que o outro, é possível para cada um melhorar de estado através da educação. Afirmando, ainda, que opinião falsa é inexistente por ser impossível alguém afirmar o que não existe, não havendo coisas mais verdadeiras que as outras, apenas melhores. Aproveita este momento, inclusive, para dizer a Sócrates que ele também é medida (167d). E no final de sua defesa, Protágoras pede que Sócrates seja justo com a sua abordagem, ao invés de ficar oscilando entre uma brincadeira de fazer os outros tropeçarem em suas aporias e a sua dialética, para que desta forma, os enganem.

Sócrates vai agora utilizar a própria fala protagórica, na qual diz que não existe opinião falsa, para dizer que o próprio Protágoras terá que admitir que a crença dos que acreditam dizer ele coisas falsas é verdadeira. Para concluir isso, ele volta à base da tese, que é: “aquilo que parece a cada um, isso também é para quem parece” (170a), e passa a falar sobre o senso comum, e como as pessoas dizem, em sua maioria, existir tanto opiniões verdadeiras, quanto opiniões falsas, atrelando a opinião verdadeira à sabedoria, e a ignorância à opinião falsa, o que é confirmado em sua nova investida à tese protagórica. Assim, com o seu tradicional jogo de palavras, ele confirma com Teodoro que é comum que as pessoas discordem de nossas afirmações, assim como umas das outras, e que, sendo assim, há também muitas pessoas que devem discordar da afirmação de Protágoras, e isto deve ser aceito como verdadeiro, segundo a própria afirmação do sofista (171a-b). Então, baseado na sua afirmação de que não existem opiniões falsas, as afirmativas de que Protágoras não diz a verdade também são verdadeiras, concluindo que “para ninguém seria verdadeira a verdade de Protágoras, nem para um outro nem para ele mesmo” (171c), resultando em sua auto refutação.

Acreditamos que a auto refutação de Protágoras seja o ponto essencial e limite para esta pesquisa, e a partir daqui passamos a abordar pontos que são importantes a serem destacados, tanto em relação ao conhecimento, quanto em relação ao próprio perfil Protagórico, apresentado no diálogo.

3 – QUESTÃO DO CONHECIMENTO

Talvez não seja possível conceituar com exatidão o conhecimento abordado no diálogo Teeteto, por não termos uma conclusão sobre o assunto por parte do autor, mas apenas críticas e refutações à tese e ao argumento relativista de Protágoras, que são apresentados. Pretendemos, então, realizar uma reconstrução a partir das falas dos personagens, expondo assim um possível conteúdo e pensamento que não esteja tão visível, mas submerso no real interesse platônico, e quem sabe possa nos trazer algo sobre o conhecimento.

Assim que Teeteto dá a primeira resposta satisfatória para a pergunta, do que lhe parecia ser a ciência, Sócrates espantosamente acata a resposta e logo a compara à tese Protagórica do “homem medida”, a saber, ser o homem “a medida de todas as coisas; das que são, que são; das que não são, que não são” (152a). Dito isto, ele passa à definição da tese: “Então, percepção é sempre do que é, e sempre não falsa, como ciência que seria” (152c – 160c), como mostramos na seção de delimitação da tese, concluindo que, “nada, em si e por si, é um” (152d). Ou seja, ligando também a tese de Protágoras à tese Fluxista, defendida por um grupo de pessoas, como: Heráclito, Empédocles, Homero, Epicarmo e também outros (152e) que, na realidade, entendemos que representam o espírito grego (cultura de pensamento grego)⁷ de uma época, da qual esses pensadores participam e que tem seu ápice no do século V a.C., e que damos mais detalhes na seção sobre a pessoa de Protágoras, na parte de contextualização. Seria correto, então, afirmar que não está sendo feito apenas uma crítica a uma tese, ou apenas um ataque à pessoa de Protágoras, mas a tudo aquilo que ele e sua tese representam, bem como à cultura de sua época. Tendo como principal alvo o pensamento relativista e o sábio sofista, que é a maior referência deste tipo de pensamento.

⁷ CASERTANO, Giovanni. *Sofista*. São Paulo: Paulus, 2011.
Comentários baseados nos textos do autor acima.

Sócrates incita Teeteto a buscar a “verdade escondida”, mas se coloca, na realidade, contrário ao discurso Protagórico, quando pergunta: “era alguém inteiramente sábio Protágoras e, para nós, a turba numerosa, disse isso em enigmas, em quanto para seus discípulos dizia, em segredo, verdade?” (152c). Pois, dessa forma, e de tantas outras, se posiciona em oposição à possibilidade da realidade ambivalente como exemplo de conhecimento, levantando dúvidas sobre a pessoa de Protágoras (e tudo que ele representa), se ele seria realmente sábio (161d-e), com as suas colocações e interrogações, sobre o conhecimento ser uma verdade única, imutável e absoluta, como quando ele, se referindo a Protágoras, diz: “porque não disse, a começar a Verdade” (161c). Parece que Platão requer que o argumento relativista (de um sofista) seja respondido dentro dos moldes pré-estabelecidos da verdade única, que é a linha defendida por ele (de um filósofo), e quanto a isso, Eleandro⁸ nos esclarece, dizendo que “é evidente que Sócrates comete algumas elipses sobre as doutrinas do relativismo e dos sensistas, feitas, segundo ele, à maneira dos argumentadores sofistas (*antilogikoi*)” confirmadas no passo 164b, onde diz: “Logo, resulta que, daquilo de que alguém veio a ter ciência, ele não tem ciência, mesmo que ainda lembrando-se disso, uma vez que não está vendo, o que afirmamos ser monstruoso, se viesse a ser” (164b). Ou seja, aos olhos da “verdade única” (ponto de vista platônico), o relativismo seria, banalmente e, a grosso modo, apenas postular que uma coisa é e não é ao mesmo tempo, como explanado na auto refutação, no passo 171a-c (apresentado na seção sobre Protágoras).

Na parte em que Platão dá voz a Protágoras, através de Sócrates, ele confirma “ser cada um de nós medida das coisas que são e que não são, e, no entanto diferirmos imensamente um do outro por isso mesmo” (166d), e define bem o posicionamento relativista sobre conhecimento, no qual ele não nega que a verdade exista, mas, em se tratando do conhecimento, há aparências melhores do que outras, “mas, em nada mais, verdadeiras” (167b). “Os homens se equivalem em relação à verdade, mas esta não é o critério da sabedoria. Há, sim, sábios” (IGLESIAS, 2020, p. 113). Nesta epígrafe da tradução de Iglesias, ela destaca a explicação dada por Protágoras, de que o sábio seria aquele que consegue transformar as pessoas em estado ruim para um estado melhor, através da educação, palavras e cultura, também valendo para as cidades.

Então, esta é a definição de conhecimento dada pelo Protágoras presente em Platão, que ainda coloca, de uma forma simples, mas bem persuasiva, que a linha defendida pelo personagem

⁸ ZENO, 2012, p. 36

de Platão, a saber, Sócrates, também teria que “suportar ser medida”, queira ou não (167c-d). Portanto, é improvável que a substituição deste argumento (de Protágoras) pela auto refutação apresentada por Sócrates (171a-c), que abordaremos com mais detalhes em seguida, seja suficiente para dizer que a tese Protagórica, e tudo que ela representa, sejam irrelevantes, mais parecendo querer maquiar o relativismo, como algo que diz que uma coisa pode, simplesmente, ser e não ser ao mesmo tempo.

4 – O PROTÁGORAS EM TEETETO

Antes de falarmos sobre o personagem do diálogo *Teeteto*, de Platão, gostaríamos de contextualizar o sofista com a sua época, pois, atualmente, quando falamos de um sofista, ou algo referente à simples palavra “sofista” e suas variações (sofístico, sofística, sofisticação, etc), podemos estar diante de um pensamento um tanto que preconceituoso, significando alguém de má-fé, que adultera o discurso o quanto for preciso para sustentar a sua tese, ou aquela pessoa pedante que sempre tem algo a dizer sobre tudo e que se alegra simplesmente em contradizer alguém para prevalecer com a sua fala, ou do grupo que esteja defendendo. Enfim, nesta visão enganosa é indiferente para ele o lado ou a narrativa que esteja certa ou errada, uma vez que os seus interesses prevaleçam. Uma visão negativa que ganhou força a partir dos escritos de Platão (como o *Teeteto*) e de Aristóteles, que passou a distinguir o filósofo do sofista, dando a este último uma conotação ruim, que se consolidou na idade moderna. Assim, a afirmação de que um sofista é na verdade um enganador é erroneamente feita ainda nos dias atuais, de uma forma até mais forte que nos próprios tempos antigos, nos quais havia nos escritos tanto a crítica quanto a ironia, mas também o respeito e o reconhecimento que esses oponentes eram, na verdade, sábios com técnicas aprimoradas e dignos de respeito e atenção quanto aos seus discursos, tendo a estima da polis, em suas diferentes camadas.

Para contextualizarmos a Grécia do século V a.C., é necessário observar que havia uma crise na sociedade agrícola aristocrática, em contraste com as unidades econômicas mais vastas sendo criadas, onde as cidades se tornavam o novo centro da vida econômica ao invés do campo e, de todas as cidades da Grécia, Atenas se torna o principal modelo de um espaço político e democrático. Portanto, as normas orientadoras de convivência em sociedade passaram a ser o alvo principal de todos os cidadãos das polis, e a exaltação da igualdade entre esses cidadãos foi

o fio condutor para o estabelecimento dessas Leis. Todo esse movimento de mudanças sociais, econômicas, éticas e políticas demandavam novas habilidades em homens que pudessem sustentar uma determinada posição política e social, com uma técnica de discurso e é nesse momento que surgem os sofistas, como os novos mestres. Nessa nova classe emergente nas cidades (comerciantes, empreendedores, proprietários de minas, etc.) se encontram os jovens que entrarão na política, com condição e disposição para pagar até altos valores aos mestres sábios (como os sofistas eram considerados na época), a fim de aprenderem as técnicas necessárias para participarem ativamente da vida na cidade.

O movimento sofista não incomodava por ensinar a sustentar uma posição de pensamento, mas pela alternativa relativista do pensamento, impetrando uma nova cultura de pensamento que, além de autônoma, trazia uma consciência relativista dos valores, não mais uma verdade absoluta, com um sábio investido de um saber divino, com um esquema fixo e imutável, mas como uma criação contínua, e com empenho contínuo para seu melhoramento, onde as propostas podem ser colocadas umas ao lado de outras, sem que precisem ser suplantadas, mas que possam ser diferentes e até opostas, sem que necessariamente se constituam em valores de modo isolado, sem que possam ser agregados para uma solução (mesmo que temporária).

A partir desta pequena contextualização, passamos agora a observar com um pouco mais de atenção a pessoa de Protágoras, sua doutrina, e alguns pontos concernentes a essa doutrina, propostos por Platão através do famoso Diálogo *Teeteto*, a partir de sua apresentação até a parte da auto refutação de Protágoras que consta na parte 171a-c, como informamos na introdução deste trabalho. Nossa intenção é salientar detalhes do personagem Protagórico apresentado no diálogo, e não argumentos estranhos, diferentes de tudo o que já foi dito, mas a possibilidade de repensar algumas coisas, como por exemplo, a ambivalência de uma sentença ser possível e a escolha de uma das sentenças como melhor para o momento e não simplesmente verdadeira e única em detrimento da outra sendo falsa e não mais utilizável.

Logo de início, é importante aproveitarmos o que foi explanado por Eleandro, em sua dissertação de mestrado:

Sócrates, então, para explicar a teoria fluxista, introduz uma história fictícia sobre Protágoras e formula o que Protágoras costumava dizer aos seus alunos em segredo. A história Fictícia é a doutrina secreta do mobilismo universal. De acordo com essa

doutrina, tudo muda Em todos os sentidos, portanto não podemos falar de nada com exatidão, uma vez que “nada é Um, por si e em si” (152d).

No Crátilo (440a-b) encontramos o personagem Sócrates afirmando que não é plausível Dizer que haja conhecimento se todas as coisas mudam e nenhuma permanece, pois ninguém Poderia conhecer e nada poderia ser conhecido – nada, portanto, é uno ou determinado; todavia, As coisas que dizemos existir se formam da translação, do movimento e da mistura de umas com As outras destes tudo se gerando. Por consequência, coisa alguma pode sequer ser “nomeado com Correção”, nem se pode “indicar as qualidades que uma vez exhibe” (152d- e). Assim, da ótica da Doutrina fluxista, é um erro dizer que as coisas “são”, pois nunca nada é, mas tudo é um Constante devir (152d), “tudo está em um processo de ser”. (ZENI, 2012, p. 24).

A doutrina fluxista é comparada com a tese Protagórica e, relacionada a um ciclo de pessoas com o mesmo pensamento por trás dela, também endossada pelo próprio Sócrates neste outro diálogo citado acima. São lançadas aqui suposições sobre o que Protágoras diria aos seus alunos, mas em segredo, quando na realidade não há segredos, pois a tese é conhecida por todos, e há também um ataque, meio que velado (por ora), que vai se agravando, à pessoa de Protágoras durante toda a obra, parece que para tentar minar toda a seriedade do trabalho sofista, que foi colocado na contextualização anteriormente apresentada. Por exemplo, quando ele pergunta: “Como podemos não dizer que é adulando o povo que Protágoras diz essas coisas?” (161e). São ataques cadenciados, feitos à pessoa e função do sofista, indiretamente dizendo que as bases e intenções do argumento Protagórico não são sérios. Sendo assim, antes que haja dúvidas até sobre a veracidade da sentença Protagórica no Teeteto, e se é a real doutrina do Sofista, lembramos aqui que ela é discutida por diversos e renomados autores, como bem nos esclarece, novamente Eleandro Luis, quando diz:

“Teeteto adere à interpretação de Sócrates, segundo a qual o que está sendo dito por Protágoras é que as coisas são para cada pessoa conforme aparecem para cada pessoa. Por isso, ao que tudo indica, Platão cita *ipsis litteris* a doutrina do ‘homem medida’ e em seguida oferece uma explicação que em nada altera o que Protágoras teria dito e escrito” (ZENI, 2012, p. 34)

Dessa forma, acreditamos confirmar que é, sim, uma doutrina real do Sofista Protágoras, dando ainda referências de citações de nomes consagrados, como: Aristóteles (Metafísica 1062b 13-15), Sexto Empírico (Contra os Matemáticos VII 60) e outros. Portanto, também acreditamos não haver dúvidas que é uma sentença real da doutrina Protagórica, mas, como uma boa parte das obras do sofista se perdeu, e não temos como recuperar o contexto em que foram escritas e seus pensamentos, o diálogo *Teeteto* de Platão, torna-se uma grande fonte do pensamento Protagórico, e nos atrai para analisar as críticas e relações feitas por Platão à doutrina do mesmo e as delimitações por ele observadas, e é sobre elas que nos debruçamos agora.

Em meio às colocações de Platão, ele insiste em dizer que se Protágoras estivesse vivo teria algo a acrescentar para a discussão, e quando é dada voz a Protágoras, Platão faz questão de colocar que os argumentos de Sócrates podem ser considerados pífios diante de tão genial sábio. Ou seja, parece que há um certo constrangimento em dar a voz para Protágoras, parece que ele teria algo melhor e mais relevante para dizer; portanto, não é qualquer doutrina sendo apresentada. Inclusive, quando Teeteto dá a sua primeira resposta, Platão, através de Sócrates, faz questão de dizer que, é “um discurso não desprezível” (152^a). Sendo assim, se Platão fez as suas conjecturas sobre as falas de Protágoras, também fazemos aqui as nossas.

A tese Protagórica é concluída, no diálogo (como falamos na introdução deste trabalho) assim: percepção é igual a conhecimento e é também, comparada à tese fluxista, a grosso modo, por estar em constante movimento, sendo, portanto, única e irrepetível, privada, sempre verdadeira para o percipiente, não havendo este último sem o percebido, e ele (o percipiente) é ou devém para o percebido e este para ele. Portanto, para irmos direto ao ponto, vamos deixar de lado a primeira e a terceira críticas, que são refutadas pelo próprio Sócrates, respectivamente no passo 162e (“o que é terrível se, no que respeita à sabedoria, cada um dos homens em nada diferencie de um bicho qualquer”), na qual afirma que os animais também poderiam ser medidas, e 164c-d, quando diz “parecemos estar satisfeitos, e, afirmando não sermos agonistas, mas filósofos, não nos damos conta de que estamos fazendo as mesmas coisas que aqueles homens terríveis”, referindo-se à crítica que foi feita com o argumento da memória, que pode ser um mero problema verbal (e assim aproveita mais uma vez a oportunidade para menosprezar o adversário). A segunda crítica, que foi o argumento das línguas, é rebatida através de Teeteto, no passo 163b-c. Portanto, vamos direto ao ponto em que o próprio Protágoras faz a sua defesa, onde

acreditamos haver coisas bem interessantes a serem observadas, inclusive que poderiam ser utilizadas contra a sua auto refutação.

Não há maior refutação do que a própria pessoa assumindo que a sua tese não é verdadeira, ou seja, esse seria o ponto chave de Platão para dismantelar de vez a teoria Protagórica. Então Sócrates incorpora Protágoras para que possa fazer a sua própria defesa. Ele começa dizendo que a caricatura que Sócrates passou aos outros é a de uma pessoa “risível”, e que o seu método de interrogatório é justamente para fazer com que o seu adversário que responde tropece, por não estar preparado para responder como ele responderia, e ser tomado de surpresa por não saber o que vem depois. Em seguida ele passa rapidamente, desfazendo-se das três críticas iniciais que foram feitas, sobre a memória, sobre os animais e sobre as línguas (idiomas). Finalmente, ele confirma o que escreveu dizendo “ser cada um de nós medida das coisas que são que não são” (166d) e que há, sim, “sabedoria e homem sábio”, e que “ser sábio aquele justamente que, a algum de nós, a quem certas coisas aparecem e são más, operando uma mudança, faça essas mesmas coisas aparecer e ser boas” (166d). Ele explicou o argumento, dando um exemplo de uma pessoa doente e de outra sadia, e que não podemos comparar o seu parecer e nem acusar o adoentado de ignorância, como sendo um melhor do que o outro, mas devemos auxiliar a pessoa doente a mudar do estado ruim para um estado bom. Então ele afirma que “o médico faz a mudança com drogas, e o sofista, com discursos” (167e). Neste momento, ele faz uma observação que precisa ser destacada, que “ninguém fez alguém que pensa coisas falsas pensar posteriormente coisas verdadeiras”, ele explica que não é possível uma pessoa pensar algo que não existe, ou seja, que não é uma diferença entre coisas verdadeiras ou falsas mas “uma disposição de alma maléfica, pensa coisas congêneres a ela”, enquanto que “uma alma benéfica faz pensar outras coisas, tais quais ela” (167b). O que alguns chamam de verdadeiras, Protágoras vai chamá-las de melhores, e que em nada são mais verdadeiras que outras, apenas estados diferentes. Portanto, assim como os médicos são sábios em relação ao corpo e os agricultores em relação às plantas “os sábios e bons oradores fazem parecer serem justas às cidades as coisas benéficas em vez das maléficas” (167c), e da mesma forma, e pelo mesmo argumento, ele diz que o sofista é “capaz de dirigir a educação daqueles que estão sendo educados, é sábio e merecedor de muito dinheiro por parte dos que são educados. E assim, alguns são mais sábios que outros e ninguém forma opiniões falsas” (167d). Aqui é apropriado observar que na contextualização apresentada no início do capítulo, informamos que o sofista não fazia a discriminação de pessoas

para quem poderia ensinar, mas o momento era propício para comerciantes emergentes, e outros grupos citados que queriam se integrar na classe política e para isso pagavam aos sofistas por esta função, que faziam esta “mudança de estado” através da educação.

Descrevemos então Protágoras, assim como descrito no diálogo *Teeteto*, como sendo a pessoa que representa uma teoria relativista de ser o homem “a medida de todas as coisas; das que são, que são; das que não são, que não são” (152a). Mas, este relativismo não pode ser colocado de qualquer maneira, como algo que, simplesmente, pode ser e não ser ao mesmo tempo, mas sim realidades ambivalentes construídas judiciosamente e que podem ser melhoradas (desenvolvidas), de um estado (maléfico) para outro (benéfico) pelo sábio. Vale também destacar o respeito cedido a ele e a tudo que ele representa (uma estrutura citada por Sócrates), como Heráclito, Homero, Empédocles, etc. Assim como a cultura de uma realidade ambivalente que os levava a defender, com a mesma proporção citada, de não haver uma cidade melhor que outra, mas sim estados melhores, que é o ponto chave da teoria protagórica, que pode ser desenvolvida através da educação, através de um sábio, não aquele que é apresentado no início do trabalho, de forma pejorativa, mas “aquele homem que consegue mudar os aspectos das coisas fazendo ser e parecer bom aquilo que é e parece mal” (DF p. 36 final) , pois “a sabedoria de um homem sábio não está na verdade de seu juízo, pois sequer existe um juízo mais verdadeiro que outro, mas no mais ou menos benéfico” (DF pág. 37 final).

5 – CONCLUSÃO

A auto refutação apresentada por Sócrates parece ignorar tudo que foi apresentado por ele mesmo no diálogo, até aquele ponto do 171a-c. O formato injusto (167e) de “investigação” parece ser exposto pelo autor, como se fosse uma forma de desdém, para não dizer desonestidade, em relação à corrente contrária, que pretende combater. Protágoras aparece muitas vezes de maneira jocosa, e sua tese, com tudo que ela representa, afunilada a uma atrofiada síntese de algo ser e não ser, ao mesmo tempo.

Quando olhamos para a real contextualização da sofística e de tudo que estava acontecendo naquele momento da Grécia, passamos a entender a preocupação de Platão, quando diz que ele é um adversário que necessita de respeito e atenção, ou seja, o que ele é, e o que ele

representa precisam ser combatidos por todos os meios possíveis se quiser vencê-los. É exatamente isto que ele faz através do personagem Sócrates, e é exposto quando é dado voz a Protágoras, ou seja, ele ataca a pessoa do sofista com “injustiça nos discursos” (168e) para corromper sua imagem, tenta ridicularizar o argumento do oponente, para que as pessoas sejam persuadidas dessa forma a ficar do lado socrático, fugindo “de si mesmos em direção à filosofia” (168a), de “maneira hostil ou combativa” (168b), usando as expressões e as palavras, “estirando as quais, como quer que aconteça estirar, a maioria apresenta uns aos outros aporias de todo tipo” (168c). Todas essas coisas quando são retiradas, ou pelo menos reduzidas para o mínimo, parece sobrar muito pouco em relação argumentos para combater a tese Protágoras, e é a desta forma, sem os excessos aqui apresentados, que procuramos reconstruir a figura e teoria de Protágoras.

A figura de Protágoras demanda respeito, como foi dito no início, pelo próprio Sócrates, que busca o melhor tanto para o indivíduo como para a cidade, e não uma figura caracterizada por mercenário, como foi apresentado. A teoria do “homem medida” é confiavelmente verdadeira e de autoria Protagórica, que assevera: “ser cada um de nós medida das coisas que são e que não são, e no entanto diferimos imensamente um do outro por isto mesmo” (166d), não deslocando a sua tese da Fluxista, pois é justamente isso que dá o apoio para uma constante mudança feita através do homem sábio que, pela educação faz essa melhora de um estado ruim, para um estado melhor. Sendo enganosa a afirmação que é possível transformar “alguém que pensa coisas falsas pensar posteriormente coisas verdadeiras. Pois não é possível pensar em coisas que não são” (167a), simplesmente por não existirem, e a afetação vivida por alguém, ao contrário, sempre será verdadeira. Algo em constante estado de melhora e desenvolvimento que é mais benéfico, naquele determinado momento, para um indivíduo ou cidade. Acreditamos ser improvável que tudo isto que foi apresentado, possa ser substituído por um simples argumento, de que o relativismo significa, simplesmente, algo ser e não ser, ao mesmo tempo, portanto, falsa. A base argumentativa da tese Protagórica demonstra estar viva, através dos constantes debates e pesquisas desenvolvidas atualmente, inclusive, seu possível desdobramento para argumentações “de contradições da linguagem, o que levaria ao ceticismo”⁹, fato esse apresentado quando Sócrates, faz menção do problema poder ser meramente verbal (164c-d), mas isto seria assunto para um novo debate.

⁹ Campbell (1883, apud IGLESIAS, 2020, p. 255) nos mostra as duas características principais dos lógicos, como foi citado no *Fédon* (90b e 101e).

6 – BIBLIOGRAFIA

CASERTANO, Giovanni. **Sofista**. São Paulo: Paulus, 2011.

HADDAD, Alice Bitencourt. A doutrina protagórica no *Teeteto* e suas influências na composição do Ceticismo Antigo. **Ágora**. Estudos clássicos em debate, Rio de Janeiro, v. 17, p, 159-175, 2015.

PLATÃO. **A República**. Introd., trad. E notas de Maria H. da Rocha Pereira. 8ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

PLATÃO. **Crátilo**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará. Gráfica e editora Universitária: Belém, 1988.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução: Maura Iglésias, Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Loiola, 2020.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução: Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri, Lisboa: Gulbekian, 2005.

SANTOS, José Trindade. **Introdução**. In: PLATÃO. **Teeteto**. Trad. Nogueira, A. M. e Boeri, M. Lisboa: Gulbenkian, 2005.

UNTERSTEINER, Mário. **A obra dos Sofistas: uma interpretação filosófica**. São Paulo: Paulus, 2016.

ZENI, Eleandro Luis. **Conhecimento e linguagem: um estudo do Teeteto de Platão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2012.